



RELATÓRIO E CONTAS

**RUI PATRÍCIO**
Advogado“Spotlight”
e roupa velha

Ele dizia, à boca cheia, que era jornalista de investigação e que se dedicava a assuntos de justiça, em especial criminais. Investigava muito, passando horas sentado a ler os pedaços de processos (a maior parte ainda em segredo de justiça) que mãos amigas lhe levavam ou que ele obtinha através de truques processuais. E não era ni-queito, nem quanto aos processos, nem quanto às mãos violadoras de segredos que lhe davam os papéis, aceitava de bom grado tudo o que lhe chegava e de várias proveniências. Embora tivesse, como qualquer pessoa (mesmo um jornalista-investigador), as suas preferências. Quanto a processos, preferia os que visavam peixe graúdo, não só porque é mais apetitoso e vende melhor o escândalo quanto aos grandes, mas também porque o nosso homem julgava que era um bocadinho cruzado – embora não montado em cavalo ajaezado, antes alapardado na cadeira giratória já um pouco gasta que ficava ao canto da redação. Quanto a mãos amigas, preferia as que traziam melhores e mais secretas dicas e mais untados papéis do processo, mãos que geralmente pertenciam a gente que, amanhando os autos e as suas entranhas, melhor podia dispor dos seus segredos, passando-os ao nosso herói (e os fins dessa gente para ele pouco importavam, desde que os seus também ficassem de pança cheia).

E assim ia o mundo, cantando e rindo. E ao nosso herói a vida não corria mal, embora estivesse a engordar e a amarrecar, de tantas horas sentado a investigar lendo páginas de processos. Ele gostava de cinema, costumava acompanhar, mas às vezes falhava as novidades, até as oscarizadas, fosse porque os filmes passavam, os Óscares repetem-se e Hollywood não pára de desiludir, fosse porque havia filmes que nada lhe diriam ou ensinariam. Era o caso de “Spotlight”, o filme que este ano levou o Óscar, e que – lera o nosso he-

rói – falava de jornalismo de investigação. Ora, sobre isso sabia ele tudo, deu de ombros, não foi ver. Até que uma noite, tempos depois, e à falta de melhor, pôs-se a vê-lo num canal por cabo. Desiludiu-se, chocou-se, revoltou-se. Jornalismo de investigação, aquilo?! Haja dó – pensou e rugiu entre dentes o nosso homem –, aquilo era tudo menos jornalismo de investigação. Podia ser aventura, “suspense”, ação, drama até, mas nada daquilo era o que devia ser, e menos ainda o que ele fazia. Onde já se viu, andar de um lado para o outro a procurar, a descobrir fontes, a farejar? Onde já se viu, correr riscos, andar pela rua e pelos becos, ligar elementos, puxar pela cabeça, esperar, recolher, trabalhar? Deus meu, só na América!

Então cabe lá na cabeça que um jornalista de investigação seja uma espécie de polícia, para andar a investigar e a descobrir, com paciência, esforço, ousadia e risco. Nada disso, um jornalista de investigação está sentadinho, de ouvido à escuta e olhar lampeiro, à espera que lhe tragam – às vezes a horas mortas ou pela sombra – os papelinhos de quem já investigou e procurou, e ele lê e divulga. E quando não tem nada de novo, ou quando é preciso fazer o favor às suas fontes de recordar o público desta ou daquela coisa que já saiu, ele repete o que já antes divulgou, dando-lhe um novo embrulho, alourando e refogando, como se fosse a roupa velha natalícia, aproveitando os restos e requeitando-os com um pequeno e aparente toque de novidade. E o nosso herói faz tudo isso, claro está, sempre com a honesta imparcialidade e a probidade de que falava o sagaz José Vilhena na sua “História Universal da Pulhice Humana”. ■

Coluna mensal à sexta-feira
Este artigo está em conformidade
com o novo Acordo Ortográfico